

A ALTERNÂNCIA ENTRE O FUTURO DO PRETÉRITO E O PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO EM CONSTRUÇÕES HIPOTÉTICAS NA FALA DE MACEIOENSES

THE ALTERNATION BETWEEN FUTURE OF PAST TENSE AND IMPERFECT TENSE IN HYPOTHETICAL CONSTRUCTIONS IN THE SPEECH OF MACEIOENSES

Fernando Augusto de Lima Oliveira*

Priscila Rufino da Silva**

Aldir Santos de Paula***

Resumo: O presente trabalho tem como objeto de estudo a variação entre o futuro do pretérito (FP) e o pretérito imperfeito do indicativo (PII) na oração principal em contextos hipotéticos na fala de maceioenses. A alternância entre os tempos verbais (FP) e (PII) se torna possível pelo fato de esses verbos compartilharem a possibilidade de manifestar traços de aspecto inconcluso. O que nos intriga é (são) o (s) motivo (s) que leva (m) o falante a optar por uma ou outra forma. Partimos da hipótese de que o (PII) suplanta o (FP) na oração principal em contextos hipotéticos, na língua falada.

Palavras-chave: Língua portuguesa; Teoria da Variação Linguística; Futuro do Pretérito; Pretérito imperfeito do indicativo.

Abstract: The goal of this work is the study of the alternation between two verb tenses – Future of Past Tense and Imperfect Tense – in main clauses of hypothetical contexts in the speech of maceioenses. The alternation between these two verb tenses is possible because these tenses share the property of referring to unfinished/unbounded events/actions. What puzzles us is the reason that makes a speaker choose one or another verb tense. We start from the hypothesis that the Imperfect Tense supersedes the Future of Past Tense in main clauses of hypothetical contexts of spoken language.

Keywords: Portuguese language; Linguistic Variation Theory; Future of past tense; Imperfect tense.

* Doutorando em Linguística do Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística – PPGLL, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

** Doutoranda em Linguística do Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística – PPGLL, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

*** Doutor em Linguística. Professor do Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística – PPGLL Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Líder do grupo de pesquisa – Línguas Brasileiras: análise, aquisição e ensino.

Introdução

Dentre as várias possibilidades de variação em estruturas sintáticas da língua portuguesa, interessamo-nos pelo estudo da alternância entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito do indicativo (doravante FP e PII, respectivamente), em construções hipotéticas, a partir de contextos informais de fala de maceioenses, como exemplificado nas sentenças em seguida:

(1) a. Se elas não fossem tão boas como nós eu acho que eu *ficava*. (1msawc)¹

b. Se eu ganhasse e tivesse a oportunidade mais de milhões com certeza *seria* o primeiro milhão dar a casa Dom Bosco. (1msiwc)

A variação entre os tempos verbais em questão torna-se possível pelo fato de esses verbos compartilharem a possibilidade de manifestar traços de aspecto inconcluso, porém o que nos intriga é (são) o(s) motivo(s) que leva(m) o falante a optar por uma ou outra forma.

Diante do pequeno número de ocorrências dessa alternância verbal nos *corpora* já existentes, tanto orais como escritos, construímos um *corpus* constituído por quarenta e oito colaboradores, selecionados a partir das variáveis sociais: sexo (homem/mulher), escolaridade (fundamental/superior) e idade (15 a 30 anos / 31 a 45 anos / 46 a 61 anos); e das variáveis linguísticas: paralelismo formal e ordem dos constituintes.

As entrevistas foram desenvolvidas com base nos princípios da Teoria da Variação Linguística. Procuramos, ao máximo, nos afastar do chamado “paradoxo do observador” (LABOV (2008 [1972], p. 244), organizando um guia de perguntas que apresentassem situações hipotéticas para que, na hora da entrevista, houvesse uma ordem a ser seguida².

¹ Segue, abaixo, a descrição do código que identifica o informante:

1 (FP), 2 (PII);

Sexo: homem (h)/mulher (m);

Escolaridade: fundamental (f), superior (s);

Idade: 15 a 30 anos (j), 31 a 45 anos (a) e 46 a 61 anos (i);

Paralelismo formal: realização do paralelismo (p), não realização do paralelismo (n) e realização nula (w);

Ordem dos constituintes: ordem canônica (c), ordem não canônica (d) e realização nula (y).

² Guia de perguntas para a formação do *corpus* da pesquisa:

1. E... se você ganhasse na sena?

2. E... se você fosse o (a) atual presidente (a) do Brasil?

Após a coleta e a codificação, os dados foram submetidos ao programa computacional VARBRUL (PINTZUK, 1998). Tal pacote computacional calcula o número de ocorrências das variantes em relação com os fatores controlados, sua frequência em percentual, e ainda estabelece os níveis de interatividade dos grupos de fatores em termos de pesos relativos, com cálculos probabilísticos.

O cálculo de probabilidades atua em níveis. Em um primeiro nível, o programa calcula a probabilidade de atuação de cada grupo de fatores separadamente, selecionando o grupo mais significativo para a escolha das variantes. Feito isso, o segundo nível do programa faz interagir o primeiro grupo significativo com os demais, testando a significância de cada novo grupo e selecionando o próximo grupo de fatores estatisticamente relevante, operando sucessivamente até que nenhum outro grupo seja selecionado.

A relevância do programa, por conseguinte, está na interação dos grupos de fatores controlados na pesquisa e no estabelecimento dos níveis hierárquicos de significância desses grupos para a seleção das variáveis linguísticas e/ou sociais significativas. Os resultados numéricos obtidos pelo programa só têm valores estatísticos.

Vale ressaltar, também, a importância do peso relativo para a análise do fenômeno em questão. Segundo Guy e Zilles (2007, p. 239),

O peso de um fator é um valor calculado pelo Varbrul (com base em um conjunto de dados) que indica o efeito deste fator sobre o uso da variante investigada neste conjunto. O valor dos pesos recai sempre no intervalo entre zero e um (0-1), em que um valor de zero indica que tal variante nunca acontece quando este fator está presente, e um valor de 1 indica que tal variante sempre ocorre quando o fator está presente. O peso é 'relativo' ao nível geral de ocorrência da variante, indicado pelo input.

Segundo Naro (2003, p. 25), o VARBRUL constitui-se como "uma ferramenta poderosa e segura que pode ser usada para o estudo de qualquer fenômeno variável nos diversos níveis e manifestações linguísticas", cabendo, portanto, ao linguista a sua interpretação e a atribuição de valores linguísticos.

-
3. E... se o mundo fosse acometido por um vírus letal?
 4. E... se o mundo acabasse hoje?
 5. E... se você ou alguém da sua família fosse vítima de algum tipo de violência?
 6. E... se existisse vida em outros planetas?
 7. E... se houvesse uma terceira guerra mundial, você?
 8. E... se algum parente seu fosse convocado para a guerra, você?

Este trabalho tem por objetivo, portanto, descrever quais condicionantes linguísticos e não-linguísticos influenciam o emprego de um tempo verbal pelo outro, partindo de um recorte realizado na língua falada por maceioenses, a partir de entrevistas informais.

Vale salientar que o artigo não objetiva desenvolver um estudo comparativo, mas possibilitar um breve diálogo entre as pesquisas já desenvolvidas que abordam essa temática. É importante frisar, também, que o nosso direcionamento, neste artigo, gira em torno de um trabalho mais descritivista, tendo em vista que um estudo nessa perspectiva, em Maceió, ainda não foi desenvolvido. Para tanto, acreditamos que a inclusão das categorias TAMR (tempo, aspecto, modalidade e referência) é essencial para uma análise mais consistente e, conseqüentemente, nos ajudará a visualizar melhor o porquê da realização de tal alternância verbal, na fala informal de maceioenses.

Nosso texto está assim estruturado: na seção 2, abordaremos o aparato teórico-metodológico da Teoria da Variação; em seguida, demonstraremos, de forma breve, a expressão aspectual em língua portuguesa, bem como os aspectos expressos pelo PII. Na seção 4, faremos a descrição e análise dos dados e dos fatores condicionantes deste estudo e, por fim, apresentaremos as considerações finais que esta pesquisa nos permitiu alcançar.

1 Aparato teórico-metodológico da Teoria da Variação

A presente pesquisa está inserida na perspectiva teórico-metodológica da Teoria da Variação Linguística (LABOV, 2008 [1972]; MILROY, 1980; CAMPOY, 2005), que estuda a interação entre o uso da língua e a organização do comportamento de fala, correlacionando aspectos linguísticos e sociais.

O objetivo da Teoria da Variação Linguística é estudar a estrutura e a evolução da língua dentro do contexto social da comunidade de fala. Há, portanto, uma preocupação pelo estudo do vernáculo, da função comunicativa e social da língua, que é vista como fator determinante na identificação de grupos e na observação de contrastes sociais na comunidade.

Segundo Tagliamonte,

A Sociolinguística argumenta que a língua existe em um contexto, dependente dos falantes que a está usando, e dependendo de onde ela está sendo usada e a razão. Os falantes marcam a sua história pessoal e sua identidade na sua fala, assim como sua situação sócio-cultural, econômica e localização geográfica em um determinado tempo e espaço (TAGLIAMONTE, 2006, p. 33, Tradução nossa)

A língua falada por qualquer comunidade é passível de variação, portanto a língua é representada por um conjunto de variáveis linguísticas que pode ser expresso por duas ou mais variantes. As análises quantitativas possibilitam, dentro do estudo da variação linguística, que o pesquisador entenda sua sistematicidade, seu encaixamento linguístico e social, assim como sua eventual relação com a mudança linguística.

A utilização de métodos que possibilitem a realização de uma análise linguística mais acurada, como o uso de métodos estatísticos, tem-nos permitido compreender a importância da variação para o entendimento de questões como identidade, solidariedade ao grupo social, comunidade de fala, prestígio social e estigma (GUY; ZILLES, 2007, p. 73).

Labov (2008 [1972], p. 244) afirma que “o objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo observadas – no entanto, só podemos obter tais dados por meio da observação sistemática”. Para tal fim, Schiffrin (2006, p. 45) afirma que “as narrativas orais são o ambiente ideal para o estudo quantitativo da variação no plano discursivo, o que propicia uma análise controlada e sistematizada dos aspectos formais e funcionais da variação”. Assim, o pesquisador busca coletar uma quantidade significativa de amostra do vernáculo que seja adequada e dirigida aos objetivos do estudo, procurando evitar o paradoxo do observador ou, como diz Campoy (2005, p. 115), “[...] reduzir os seus efeitos, e obter amostras de fala tão natural quanto possível⁴” (Tradução nossa).

O aparato metodológico da Teoria da Variação representa um instrumento eficaz para o estudo dos mais diversos fenômenos variáveis, nos diferentes níveis de análise e em diferentes comunidades. A pesquisa variacionista inserida em um contexto

³ “Sociolinguistics argues that language exists in context, dependent on the speaker who is using it, and dependent on where it is being used and why. Speakers mark their personal history and identity in their speech as well as their sociocultural, economic and geographical coordinates in time and space” (TAGLIAMONTE, 2006, p. 3).

⁴ “[...] reducir sus efectos, y obtener muestras de habla lo más natural posible” (CAMPOY, 2005, p. 115).

metodológico quantitativo organiza e seleciona os dados de fala possibilitando a comparação e a discussão teórica.

A Sociolinguística Quantitativa estuda a interação entre o uso da língua e a organização do comportamento de fala. Refere-se, por conseguinte, ao comportamento verbal em termos de relações entre categorias, como ambiente, participação, tópico, funções da interação, forma e valor que os participantes atribuem a cada uma dessas categorias.

A literatura sociolinguística tem evidenciado que a estratificação social, o sexo e a escolaridade, dentre outros fatores influenciadores na realização das variáveis linguísticas, podem contribuir para a sistematização da variação. “Aí reside a importância de se trabalhar com dados que reflitam o uso da língua, ‘ambientando-os’ no contexto social circundante e delimitando, através de uma análise quantitativa, que fatores de um conjunto total são relevantes” (BERLINK, 1988, p. 28-29).

Segundo Guy e Zilles (2007, p. 73),

A realização de análises quantitativas possibilita o estudo da variação linguística, permitindo ao pesquisador apreender sua sistematicidade, seu encaixamento linguístico e social e sua eventual relação com a mudança linguística. A variação linguística, entendida como alternância entre dois ou mais elementos linguísticos, por sua própria natureza, não pode ser adequadamente descrita e analisada em termos categóricos ou estritamente qualitativos. [...] O uso de métodos estatísticos, contudo, tem permitido demonstrar o quão central a variação pode ser para o entendimento de questões como identidade, solidariedade ao grupo social, comunidade de fala, prestígio e estigma, entre tantas outras.

De acordo com Chambres (1996), o próprio ato de coletar e analisar dados variáveis já constitui em si mesmo prova de que tais dados são controláveis, uma vez que não é necessário abstrair a variação do mundo real para torná-lo coerente. Dessa forma, considerar a variável como uma unidade estrutural representou uma ruptura com a tradição linguística em um momento de renovação metodológica. Sendo assim, a unidade de qualquer nível de análise linguística, que até antes do surgimento desta nova corrente teórica tinha sido inalterável, controlada e qualitativa, passa a ser mutável, sucessiva e quantitativa (LABOV, 2008 [1972], p. 236).

2 A expressão aspectual em língua portuguesa

Em português, a expressão de aspecto não é morfologicamente marcada. Para Castilho (1967, p. 14), aspecto “é a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a idéia de duração ou desenvolvimento”. Comrie (2001, p. 3), no que tange ao aspecto, afirma que “[...] assim como definição geral do aspecto, podemos assumir a formulação de que os aspectos são diferentes formas de ver a constituição temporal de uma situação⁵” (Tradução nossa).

Considerando a posição de Dubois (1984, p. 73), “o aspecto é uma categoria gramatical que exprime a representação que o falante faz do processo expresso pelo verbo” (ou pelo nome da ação), assim sendo, “a representação de sua duração, do seu desenvolvimento ou do seu acabamento”. Travaglia (1985, p. 51) diz que aspecto é “uma categoria verbal ligada a tempo, pois antes de mais nada ele indica o espaço temporal ocupado pela situação em seu desenvolvimento, marcando a sua duração”.

Para Comrie (2001, p. 7),

Até agora, aspecto tem sido representado essencialmente em termos semânticos, com referência à estrutura interna da situação, sem nenhuma discussão acerca da expressão aspectual. Uma breve comparação com o tempo poderá ser útil aqui: há um conceito semântico para referência temporal (absoluto ou relativo) caso em que dizemos que a língua tem tempo. Várias línguas não possuem a categoria tempo, isto é não tem a referência temporal gramaticalizada, embora provavelmente todas as línguas possam lexicalizar a referência temporal, isto é, têm advérbios temporais que localizam a situação no tempo, tais como em Inglês *today* (hoje), *the year before last* (ano passado), *at five o'clock* (às 5h). Em se tratando de aspecto, não há nenhuma uniformidade terminológica, s que se refere ao termo “aspecto”, agora é usado para se referir às possíveis oposições semânticas gerais, aqui restritas à particular oposição gramaticalizada baseada naquelas distinções semânticas em determinadas línguas⁶ (Tradução nossa).

⁵ “[...] as the general definition of aspect, we may take the formulation that ‘aspects are different ways of viewing the internal temporal constituency of a situation’ (COMRIE, 2001, p. 3).

⁶ “So far, aspect has been presented essentially in semantic terms, with reference to the internal structure of a situation, without any discussion of the expression of aspect. A brief comparison with tense will be useful here: there is the semantic concept of time reference (absolute or relative), which case we say that the language has tenses. Many languages lack tenses, i.e. do not have grammaticalised time reference, though probably all languages can lexicalise time reference, i.e. have temporal adverbials that locate situations in time, such as English *today*, *the year before last*, *at five o'clock*. In treatments of aspect, there is no such uniformity of terminology, s that the term ‘aspect’ is now used to refer to the general semantic oppositions possible, now restricted to particular grammaticalised oppositions based on these semantic distinctions in individual languages (COMRIE, 2001, p. 7)”.

Cunha e Cintra (2001, p. 382-383) consideram o aspecto "uma categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a ação expressa pelo verbo", podendo considerá-la como ação concluída ou não concluída. Para os autores, "valores semânticos contribuem para especificar alguns tipos de aspectualidades", tais como aspecto pontual (*Acabo de estudar*); aspecto durativo (*Continuo estudando*); aspecto contínuo (*Estou estudando Português*); aspecto descontínuo (*Voltei a estudar Português*); aspecto incoativo (*Comecei a estudar Português*); e aspecto conclusivo (*Acabei de estudar Português*).

Lyons (1977, p. 705) afirma que "o tempo é uma categoria dêitica". Essa característica, entretanto, não é válida para a categoria aspecto, uma vez que esta pode ser depreendida do próprio verbo e também do contexto no qual ele está inserido. Corôa (2005, p. 61) corrobora com a afirmação anterior ao dizer que "também já definimos *tempo* como uma categoria temporal dêitica. Podemos, então, chegar negativamente a uma primeira definição de *aspecto*: é o que há de não dêitico na categoria *tempo*".

Já Flores e Silva (2000, p. 51), fundamentados na Teoria da Enunciação, apresentam a categoria aspecto como uma categoria do discurso, ao fazer referência à dêixis. Para os autores, a categoria aspectual não fica no lexema, nem na frase, mas sim no enunciado, pois "ele [o aspecto] é dêitico, já que depende de sua utilização por um sujeito face a uma instância de enunciação".

Dessa forma, um verbo que é tido normalmente como [- durativo] como, por exemplo, *quebrar*, dependendo da situação da enunciação, pode ter valor [+ durativo]⁷:

(2) Eu *quebro* copos.

(3) Eu *comprava* copos.

(4) Eu *quebrava* copos.

No que diz respeito ao pretérito imperfeito, Flores e Silva (2000, p. 60-61) dizem que

Embora o valor temporal do imperfeito seja, na maioria das vezes, marcar um fato passado em relação ao presente, seu valor aspectual nem sempre é de uma duração indeterminada no passado em relação ao presente. Ele pode marcar duração de posterioridade/anterioridade a partir de um fato situado no passado. Assim, cada forma verbal do imperfeito funciona como um novo presente em relação à forma posterior, isso tomando a totalidade do discurso.

⁷ Exemplos retirados de Domingos (2004, p. 54).

Vale ressaltar também que o aspecto pode ser expresso não só por elementos morfológicos, mas também pelos semânticos, fonológicos, contextuais, tendo muito a ver com a sintaxe. Dessa forma, Travaglia (1985, p. 145), seguindo as ideias de Castilho (1967, p. 14), considera o aspecto como uma categoria léxico-semântica, uma vez que “interagem o sentido que a raiz do verbo contém e elementos sintáticos tais como adjuntos adverbiais, complementos e tipo oracional”.

2.1 Noções aspectuais do PII e do FP

O PII denota, de acordo com Travaglia (1985, p. 127 e 128), uma “ação durativa, não prolongada” – *aspecto durativo*; “apresenta ação descontínua e limitada” – *aspecto interativo*; apresenta uma situação “contínua e ilimitada”, o qual pode ser usado para indicar naturalidade, genealogia e qualidades de um indivíduo ou no lugar do presente universal, em orações subordinadas a um pretérito, o que pode ser ligado à noção de aspecto indeterminado.

O *aspecto indeterminado* é aquele que “apresenta situação descontínua e ilimitada, indicando assim, um fato costumeiro”; o *aspecto habitual* indica uma “situação em ponto inicial ou sem momentos iniciais”; já o *aspecto inceptivo* indica uma “ação no meio de seu desenvolvimento”. Esse aspecto pode ser usado para expressar algo que estava acontecendo quando sobreveio outra ação, ou aquilo que, tendo começado, ainda continuava quando se deu um novo fato. Isso pode ser observado quando usamos a conjugação perifrástica IR + (pret. imp.) + gerúndio.

Travaglia (op.cit), no que se refere ao aspecto cursivo diz que “se encontra presente também quando se usam os verbos *discendi* conjugados no imperfeito em vez do perfeito do indicativo” – *aspecto cursivo*; refere-se a um processo inacabado, sendo assim “refere-se a essa noção de não acabado ao dizer que o imperfeito pode ser usado também para denotar um fato passado, todavia ainda não concluído” – *aspecto imperfectivo*; indica a “ação em seu momento de término” – *aspecto terminativo*.

O FP é considerado como um tempo que não é capaz de expressar uma noção aspectual, assim como os usos para designar,

[...] ação própria e decidida, promessa ou ameaça, maior realce para os fatos passados, citação (para o presente do indicativo); simultaneidade, concomitância (...), vontade ou desejo, em discurso indireto implícito (para o

pretérito imperfeito do indicativo); probabilidade, incerteza, cálculo aproximado, hipótese, observância a preceitos ou normas, ordem atenuada, pedido ou sugestão, eventual, deliberativo (para o futuro do presente); desejo e esperança (para o mais que perfeito do indicativo) (TRAVAGLIA, 1985, p.125).

3 Descrição e análise dos dados

Após coleta e codificação do corpus, submetemos os dados ao programa computacional VARBRUL (PINTZUK, 1988). A análise será apresentada em tópicos e conduzida a partir do exame dos resultados dispostos em tabelas, de acordo com os fatores linguísticos e sociais em estudo.

Para a apresentação das variáveis estatisticamente significativas e não significativas, tomamos como base o que Guy e Zilles dizem:

Outra prática comum é o pesquisador apresentar, também, antes da discussão detalhada dos resultados, uma lista com os grupos de fatores selecionados pelo VARBRUL como estatisticamente significativos, na ordem em que foram selecionados (GUY; ZILLES, 2007, p. 208).

Para a seleção das variáveis consideradas estatisticamente significativas, realizamos duas rodadas. Na primeira, consideramos o FP como a aplicação da regra, ao passo que na segunda rodada, consideramos como aplicação de regra a variante PII. Ao obtermos as duas rodadas e, conseqüentemente, a comparação entre os resultados obtidos para as variantes selecionadas como aplicação de regra, o VARBRUL apresentou os seguintes resultados:

Variáveis estatisticamente significativas:

- 1 Escolaridade
- 2 Ordem da sentença
- 3 Idade
- 4 Sexo

Variável não estatisticamente significativa:

- 5 Paralelismo Formal

3.1 Variável dependente

Tomando como base a alternância entre as formas de futuro do pretérito e de pretérito imperfeito do indicativo, em contextos informais de fala, podemos concluir que ela é condicionada tanto por fatores sociais como por fatores linguísticos. O *corpus* organizado compôs-se de 589 ocorrências, distribuídas nos seguintes tempos verbais, FP e PII, conforme Tabela 1.

Tabela 1 – Total de ocorrências de FP e de PII

Variantes	Total de ocorrências	Percentuais
FP	354	61%
PII	235	39%
Total	589	100%

Observamos na Tabela 1 que dentre as 589 ocorrências, 354 realizações foram de FP e 235 foram de PII. Tais resultados nos revelam um percentual de 61% para a realização de FP contra 39 % para a realização de PII.

Abaixo são apresentadas algumas frases que exemplificam a distribuição geral da alternância dos verbos em questão:

(5) Se houvesse eu *ia ficar* muito triste. (2mfawc)

(6) Se o mundo acabasse hoje eu *ia estar* sozinha em casa pensando nos dois. (2hswc)

(7) Se fosse hoje e se eu tivesse uma arma na mão eu *mataria*. (1hswc)

(8) Se hoje fosse o meu último dia de vida ah... eu não *acharia* não bom. (1mfawc)

(9) Se eu fosse o atual presidente do Brasil eu *iria acabar* com a desigualdade social. (1hsawc)

Após submetermos nossa coleta e codificação ao programa computacional VARBRUL (PINTZUK, 1988), nossos resultados revelaram que há uma variação entre as duas formas, porém o FP apresenta maior realização do que o PII. Dessa forma, constatamos também que a diferença percentual entre as duas formas verbais é de 22%. Tal representação vai de encontro aos resultados obtidos por Barbosa (2005), que, em trabalho realizado com a fala uberlandense, apresentaram as duas formas distribuídas

de forma harmônica, uma vez que a diferença de frequência entre FP e PII era de 11,4%, sendo, portanto, não significativa, segundo a autora⁸.

3.2 Variáveis estatisticamente significativas

Dentre os cinco grupos de fatores selecionados para a análise do fenômeno em questão como potencialmente relevantes, como apresentado na seção 4, o VARBRUL excluiu apenas um, o fator paralelismo formal, enquanto os demais fatores como escolaridade, ordem da sentença, idade e sexo foram selecionados como estatisticamente significativos.

3.2.1 Escolaridade

A variável escolaridade foi o primeiro grupo de fator social classificado como estatisticamente relevante pelo VARBRUL. Para Melo (1978, p. 182), "sobretudo na linguagem familiar, emprega-se o imperfeito pelo futuro do pretérito". Baseados em tal proposição, consideramos que, em construções hipotéticas e iniciadas pela conjunção condicional *se*, os indivíduos com nível fundamental utilizariam mais o PII, por ser uma forma verbal empregada em situações informais de fala, ao passo que os indivíduos com nível superior tenderiam a utilizar o FP, por ser considerada mais formal.

O nível de escolaridade, como proposto por Votre (1994, p. 56), continua a exercer um papel crítico na fundamentação geral do domínio da língua padrão pelos informantes.

Tabela 2 – Escolaridade

Escolaridade	FP			PII		
	Aplic./Total	%	PR	Aplic./Total	%	PR
Fundamental	154 / 354	54%	0,44	133 / 235	46%	0,56
Superior	200 / 354	66%	0,56	102 / 235	34%	0,44

⁸ Em seu trabalho, os resultados evidenciaram que 55,3% das ocorrências eram realizações de FP, ao passo que 44,3% das ocorrências eram de PII. Para maior aprofundamento sobre os resultados dos trabalhos desenvolvidos sobre o tema, sugerimos a leitura de Oliveira (2010).

Em um total de 354 ocorrências de FP, obtivemos 154 ocorrências com informantes de nível fundamental e 200 ocorrências com informantes de nível superior, representando assim, respectivamente, uma porcentagem de 54% e 66%. Em relação à outra variável dependente da pesquisa, PII, os dados revelaram um total de 235 ocorrências, 133 ocorrências foram realizadas por informantes de nível fundamental e 102 ocorrências por informantes de nível superior, numa porcentagem de 46% e 34%, respectivamente.

A análise do peso relativo, a saber, 0,44 e 0,56 para FP e 0,56 e 0,44 para PII, respectivamente, para a escolaridade fundamental e superior, revela que essa variável é estatisticamente significativa para o estudo, segundo as rodagens do programa computacional VARBRUL, que a apresentou como a variável de maior significância.

Por esses resultados, podemos inferir que a escola atua como preservadora de formas de prestígio. A variável escolaridade é de grande relevância para os estudos sociolinguísticos, pois, segundo Votre (2012, p. 51) "compreende-se [...] a influência da variável nível de escolarização, ou escolaridade, como correlata aos mecanismos de promoção ou resistência à mudança".

3.2.2 Ordem da sentença

Nesta subseção é apresentada a segunda variável considerada relevante para a pesquisa. A variável ordem da sentença foi subclassificada em: ordem canônica e ordem não canônica.

A ordem canônica é assim classificada quando a oração é iniciada pela conjunção subordinada condicional *se*, mais conhecida como a ordem "prótase + apódose", representada pelo exemplo abaixo:

(10) Se fosse um filho meu eu ia ficar meio pensativo. (2hsjwc)

A ordem não canônica é a ordem invertida "apódose + prótase", em que a oração principal vem primeiro e, em seguida, a oração condicional, como exemplificado a seguir:

(11) Eu mudaria tudo, se eu pudesse. (1mfawd)

Vale ressaltar, também, que inserimos a realização nula na variável ordem da sentença, tendo em vista que as ocorrências nem sempre se realizavam na ordem canônica ou na ordem não canônica, como no exemplo (12):

(12) Mudaria tudo já né, nesse sentido já mudaria. (1mfapy)

Ao verificarmos sob o ponto de vista do contexto sintático, a variação em questão pode ocorrer tanto em períodos hipotéticos (Se eu pudesse comprar aquele carro eu comprava/compraria/ia comprar...) quanto em orações encaixadas (A Thaise disse que chegava/chegaria/ia chegar tarde em casa).

No que diz respeito ao período hipotético, a inversão da ordem canônica (condição + consequência) tem implicações na escolha da variante. Dessa forma, partimos da hipótese de que a ordem canônica favorece o uso tanto do FP quanto do PII na oração principal em contextos hipotéticos, ao passo que a realização da ordem não-canônica condicionaria o uso do futuro do pretérito.

Para visualizar melhor as ocorrências encontradas no *corpus*, a respeito da variável, vejamos a Tabela 3.

Tabela 3 – Ordem da sentença

Ordem da sentença	FP			PII		
	Aplic./Total	%	PR	Aplic./Total	%	PR
Ordem canônica	55 / 354	51%	0,39	51 / 235	49%	0,61
Ordem não canônica	34 / 354	79%	0,65	9 / 235	21%	0,35
Realização nula	265 / 354	60%	0,47	175 / 235	40%	0,53

Podemos observar que, quando se trata da ordem não canônica, o FP é favorecido (79%). A realização nula também favorece o FP (60%). Já a ordem canônica, em termos percentuais, é bem aproximada, apresentando uma diferença de apenas 2%. Quando se trata da ordem canônica, o peso relativo de PII é maior, mostrando assim que a aplicação da regra favorece mais o PII do que o FP.

O nosso resultado se aproxima da conclusão de Tapazdi e Salvi (1998), que pesquisaram sobre as ocorrências de PII e FP em prótase e apódose. A respeito dessa questão, os autores afirmam que “são poucos os exemplos no Português Brasileiro (PB) com o PII na apódose”. Em apódoses, seria mais frequente o uso de FP. Tapazdi e Salvi (1998) compararam as ocorrências de PII e FP do PB com as do Português Europeu (PE) e constataram que no PE é comum ocorrer PII em apódoses, ao passo que no PB é mais frequente a ocorrência de FP.

Analisando o peso relativo do fator ordem da sentença, podemos afirmar que a aplicação da regra em questão favorece a realização da ordem não canônica para a variável dependente FP, com 0,65, e a ordem canônica e a realização nula, para a variável dependente PII, com 0,61 e 0,53, respectivamente. Logo, podemos concluir, seguindo os percentuais e os pesos relativos, que, quando se trata do FP, a ordem não canônica é mais favorecida, ao passo que, quando se trata do PII, a ordem canônica é favorecida.

3.2.3 Idade

A idade foi a terceira variável selecionada pelo programa como estatisticamente significativa. Para essa variável, a hipótese inicial era de que os informantes de 15 a 30 anos tenderiam a usar mais o PII do que os falantes das outras duas faixas de idade, tendo em vista que os falantes mais jovens utilizariam uma linguagem menos formal.

Vale salientar que a composição dos grupos de idade foi baseada em Labov (2008 [1972]), embora tenha sido feita uma adaptação aos grupos etários de acordo com a realidade brasileira. Labov (2001, p. 101 apud BARBOSA, 2005, p. 43) considera que

Divisões em grupos de um continuum de idade devem ser consoantes, de modo aproximado, com os estágios da vida. Na sociedade americana moderna, esses estágios estão em alinhamento com: grupos de pré-adolescentes (8-9), membros de grupos de pré-adolescentes (10-12), envolvimento em relações heterossexuais e grupos adolescentes (13-16), Ensino médio completo e orientação para o mundo do trabalho e/ou universidade (17-19), o início de emprego regular e constituição de família (20-29), total engajamento no mundo do trabalho e responsabilidades familiares (30-59), aposentadoria (60 em diante).

Tal hipótese foi desenvolvida devido ao fato de que as pessoas mais velhas tendem a ser mais resistentes às novas formas em uso na língua, o que, geralmente, não

acontece entre os mais jovens. O que esperávamos com esse grupo de fatores era verificar se o uso de uma das formas estava associado a algum grupo etário.

A realização de PII, em termos percentuais, é bem aproximada nas três faixas etárias, ao passo que o FP favorece a faixa etária de 31 a 45 anos. Para melhor visualização dos valores percentuais dessa variável, vejamos a Tabela 4.

Tabela 4 – Idade

Idade	FP			PII		
	Aplic./Total	%	PR	Aplic./Total	%	PR
15 a 30 anos	103 / 354	56%	0,44	80 / 235	44%	0,56
31 a 45 anos	145 / 354	67%	0,59	70 / 235	33%	0,41
46 a 61 anos	103 / 354	55%	0,47	85 / 235	45%	0,53

Tomando como base a Tabela 4, podemos constatar que as porcentagens tanto de FP quanto de PII são bem aproximadas, porém a faixa etária de 31 a 45 anos apresenta a maior diferença percentual, com uma diferença de 34%. Nessa faixa etária, o FP é mais recorrente. Em relação às demais faixas etárias, o FP, de acordo com o valor percentual, é mais favorecido do que o PII: na faixa etária de 15 a 30 anos, o percentual de FP é de 56%, ao passo que o de PII é de 44%. Na faixa etária de 31 a 45 anos, temos uma porcentagem de FP de 67% e de PII de 33%. E, na faixa etária de 46 a 61 anos, o valor percentual de FP é de 55% e de PII é de 45%.

Analisando os dados referentes ao peso relativo da variável idade, observamos que o maior peso relativo refere-se à faixa etária de 31 a 45 anos para o FP com 0,59. As demais faixas etárias apresentam maior peso relativo junto à variável dependente PII, sendo respectivamente 0,56 para a idade de 15 a 30 anos e 0,53 para a idade de 46 a 61 anos.

A partir desses pesos relativos, podemos concluir que, no que se refere à faixa etária de 31 a 45 anos, o FP é favorecido, ao passo que as demais faixas etárias favorecem o uso do PII. Tal resultado confirma a hipótese de que a faixa etária de 15 a 30 anos utiliza mais o PII e acrescenta, ainda, a faixa etária de 46 a 61 anos como fator favorecedor.

Os dados obtidos são semelhantes aos de Costa (1997) e Silva (1998), cujas pesquisas variacionistas foram realizadas no Rio de Janeiro e em Florianópolis,

respectivamente. Nas pesquisas citadas, a variante PII é mais empregada entre as pessoas mais jovens. Os resultados com relação à faixa etária são diferentes dos encontrados por Barbosa (2005), que, como dito anteriormente, desenvolveu sua pesquisa em Uberlândia.

Nos dados de Barbosa (2005) não foi possível comprovar a hipótese de que os indivíduos mais jovens (20 a 30 anos) utilizam mais o PII, como aqui apresentado e em Costa (1997, 2003) e Silva (1998). Ao contrário do que foi suposto, constatamos que a faixa etária acima de 45 anos favorece o emprego de PII e que as faixas etárias de 20 a 30 anos e de 31 a 45 anos favorecem o emprego de FP.

3.2.4 Sexo

Segundo Paiva (2012, p. 33), a primeira referência entre variação linguística e o fator gênero/sexo se encontra em Fisher (1958) em um estudo intitulado *Influências sociais na escolha de variantes linguísticas*. Nessa pesquisa, Fisher constatou que a forma de prestígio tende a predominar na fala feminina.

A variável sexo foi a quarta e a última variável considerada estatisticamente significativa. Para este grupo de fatores, temos como hipótese o fato de que as mulheres, em situações informais de uso linguístico, tendem a realizar, com maior frequência, o FP, ao passo que os homens utilizam o PII. Para corroborar a nossa hipótese, Paiva (2012, p. 34) diz que “o sexo é um fator significativo nos processos de variação e mudança e atua no sentido de que as mulheres, em geral, apresentam maior propensão à observância às normas linguísticas”. Podemos constatar a partir dos dados preliminares do *corpus* que tanto os homens quanto as mulheres tendem a alternar o FP e o PII em contextos hipotéticos. Os resultados obtidos estão apresentados na Tabela 5 a seguir.

Tabela 5 –Sexo

Sexo	FP			PII		
	Aplic./Total	%	PR	Aplic./Total	%	PR
Homem	153 / 354	54%	0,44	127 / 235	46%	0,56
Mulher	201 / 354	65%	0,56	108 / 235	35%	0,44

Esses resultados mostram que tanto os indivíduos do sexo masculino quanto os do sexo feminino, de acordo com os valores percentuais, tendem a usar mais o FP, com, respectivamente, 54% e 65%. Analisando os dados, em termos percentuais, os homens tendem a usar mais o FP do que o PII, com um valor percentual de 54% e 46%, respectivamente, o que acarreta uma diferença de 11%. As mulheres tendem a usar mais o FP do que o PII, com um total percentual de 65% e 35%, respectivamente, com uma diferença de 31%, segundo percentual gerado pelo programa computacional VARBRUL (PINTZUK, 1988). Desta forma, podemos afirmar que as mulheres, por serem mais conservadoras, utilizam a forma considerada padrão, o FP, ao passo que os homens, por serem tidos como menos conservadores, utilizam mais o PII.

Analisando a aplicação do peso relativo, podemos afirmar que o FP é mais utilizado pelas mulheres (0,56), ao passo que o PII é mais empregado pelos homens (0,56). Tal resultado confirma a nossa hipótese de que as mulheres tendem a usar mais o FP e os homens tendem a usar mais o PII.

Diversos estudos variacionistas confirmam os resultados obtidos nesta pesquisa, uma vez que as mulheres demonstram maior preferência pelas variantes linguísticas mais prestigiadas socialmente (PAIVA, 2012, p. 34; SCHERRE, 1996, p. 254; FISCHER, 1958).

Conclusão

A hipótese geral era a de que o uso do PII suplantaria o do FP na oração principal, em contextos hipotéticos. Os dados obtidos, porém, não confirmaram esta hipótese, pois, o FP suplanta o PII, com uma diferença percentual de 22%. A partir daí, podemos concluir que há uma alternância entre as formas verbais em questão, embora o FP seja mais recorrente.

No que diz respeito ao fator escolaridade, o FP é favorecido entre os colaboradores com nível superior (66%) contra 34% para PII. Em relação à ordem não canônica, consideramos que o FP é favorecido com 79%. Já a ordem canônica, em termos percentuais, parece não favorecer nenhuma das formas, uma vez que a diferença percentual entre as duas é de apenas 2%. O peso relativo de 0,61 favorece o PII quando se trata da ordem canônica.

Os resultados obtidos nesta pesquisa, no que diz respeito à ordem da sentença, se diferenciam dos obtidos por Barbosa (2005), uma vez que, em sua pesquisa, para a ordem canônica, a frequência de FP e de PII é aproximada. No entanto, nossos resultados corroboram os obtidos por Tapazdi e Salvi (1998), os quais demonstraram que, na ordem não canônica no Português Europeu é comum ocorrer o PII ao passo que no Português Brasileiro há maior ocorrência de FP.

Sobre o fator idade, constatamos que os informantes com idade entre 31 a 45 anos utilizam mais do FP (67%), enquanto que os informantes com idade entre 15 a 31 anos e 46 a 61 anos apresentam diferenças percentuais muito baixas. A hipótese inicial de que os informantes de 15 a 30 anos tenderiam a usar mais o PII foi confirmada.

O valor percentual para o fator sexo nos mostra que tanto os indivíduos do sexo masculino quanto os do sexo feminino tendem a usar mais o FP, com 54% e 65%, respectivamente. Porém o peso relativo nos mostra que, para os indivíduos do sexo masculino, PII é mais significativo (0,56), ao passo que o FP é mais utilizado pelas mulheres (0,56).

A ordem da sentença, a escolaridade, o sexo e a idade foram considerados estatisticamente significativos pelo VARBRUL. Este trabalho confirma, portanto, que a alternância entre o FP e o PII na oração principal, em construções hipotéticas, na fala de maceioenses, é um fenômeno variável.

Pesquisas comparativas dariam um estudo muito interessante. Dessa forma, pensamos, portanto, que um estudo comparativo entre o FP e o PII com outras línguas, como o PE e/ou espanhol, seria viável, tendo em vista que essas línguas apresentam aspectos gramaticais próximos aos da língua portuguesa. Outro direcionamento importante seria a inclusão das categorias TAMR (tempo, aspecto, modalidade e referência) para uma análise mais acurada sobre o fenômeno tratado neste artigo. Logo, acreditamos que os resultados apresentados possam contribuir para os estudos sociolinguísticos e ampliar a compreensão sobre o português falado no Brasil.

Referências

BARBOSA, Tatiane Aves Maciel. *A variação entre futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo em orações condicionais iniciadas por "se" na fala de Uberlandenses*. Dissertação de Mestrado. Uberlândia: UFU, 2005.

CAMPOY, Juan Manuel Hernandez & ALMEIDA, Manuel. *Metodología de la investigación sociolingüística*. Málaga: Editorial Comares, 2005.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *A sintaxe do verbo e os tempos do passado em português*. Marília: FFCL, 1967.

COMRIE, Bernard. *Aspect*. Cambridge: CUP, 2001.

CORÔA, Maria Luiza Monteiro Sales. *O tempo nos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

COSTA, Ana Lúcia dos Prazeres. *A variação entre as formas de futuro do pretérito e de pretérito imperfeito no português informal no Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

COSTA, Ana Lúcia dos Prazeres. *O futuro do pretérito e suas variantes no português do Rio de Janeiro: um estudo diacrônico*. Tese de Doutorado em Linguística. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

CUNHA, Celso. & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DUBOIS, Jean. Competing Motivations. In: HAIMAN, John (org.). *Typological Studies in Language*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co, 1984. (p. 229-240).

FISCHER, Jhon. L. *Social influences on the choice of linguistic variant*. *Word*, 1958, pp. 483-488.

FLORES, Valdir. Nascimento; SILVA, Silvana. *Aspecto verbal: uma perspectiva enunciativa do uso da categoria no Português do Brasil*. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.

GUY, Gregory. R. e ZILLES, Ana. *Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LYONS, John. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MILROY, Lesley. *Language and social networks*. Oxford: Blackwell, 1980.

NARO, Anthony Julius. Estabilidade e mudança linguística em tempo real: a concordância de número. In: PAIVA, Maria da Conceição de & DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

OLIVEIRA, Fernando Augusto de Lima. *A alternância entre o futuro do pretérito e do pretérito imperfeito do indicativo, antecedido por formas verbais no imperfeito do*

subjuntivo, no português informal de Alagoas. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística. Universidade Federal de Alagoas, 2010.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. *In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). Introdução à Sociolinguística: o tratamento variacionista*. São Paulo: Contexto, 2012.

PINTO, Ivone Isidoro & FIORETI, Maria Thereza G. *Tutorial para o pacote VARBRUL*. 1992. Inédito.

PINTZUK, Susan. *VARBRUL programs for MS DOS*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1988.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Sobre a influência de variáveis sociais na concordância nominal. *In: OLIVEIRA E SILVA, Giselle Machline & SCHERRE, Maria Marta Pereira. Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

SCHIFFRIN, Deborah. *In other words: variation and reference in narrative*. Cambridge University Press – USA, 2006.

SILVA, Tereza Santos da. *A alternância entre o pretérito imperfeito e o futuro do pretérito na fala de Florianópolis*. Dissertação de Mestrado. Santa Catarina: UFSC, 1998.

SOUSA, Fernanda Cunha. *A alternância entre o pretérito imperfeito e o futuro do pretérito na expressão da hipótese*. Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora: UFJF, 2007.

TAGLIAMONTE, Sali A. *Analysing sociolinguistic variation*. Cambridge: CUP, 2006.

TAPAZDI, Judit.; SALVI, Giampaolo. *A oração condicional no Português falado em Portugal e no Brasil*. Delta v. 14. n.º. especial. São Paulo, 1998.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. Ed: Ver. Universidade Federal de Uberlândia, 1985.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. *In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). Introdução à Sociolinguística: o tratamento variacionista*. São Paulo: Contexto, 2012.

Recebido em março de 2013.

Aceito em junho de 2013.